

Revista Eutomia - Ano III - Volume 2 - Dezembro/2010

O Estudo do Inglês Sulista Norte-Americano no Brasil – uma Introdução

Vanessa Lopes Lourenço Hanes¹ (UFSC)

Resumo:

O presente artigo aborda um fenômeno linguístico aparentemente ainda pouco trabalhado pelos pesquisadores brasileiros: o inglês sulista norte-americano. Este estudo apresenta um panorama sobre as características desse dialeto e sobre como ele é percebido em seu contexto original. São apresentadas também algumas possibilidades de abordagem de seu estudo em universidades brasileiras.

Palavras-chave: inglês sulista norte-americano, dialeto, estudos linguísticos.

Abstract:

This article is based on an apparently new linguistic phenomenon for Brazilian researchers: Southern American English. This study presents an overview of the dialect's characteristics, how it is perceived in its original context, and possible approaches for its study in Brazilian universities.

Key words: southern american english, dialect, linguistic studies

O inglês sulista norte-americano

Muitos dos países de língua inglesa ocupam na atualidade posição de destaque em diversas esferas. Os Estados Unidos são hoje uma das maiores potências mundiais em diversos aspectos. Sua influência na economia mundial, por exemplo, é indiscutível. E sua hegemonia na mídia, em especial no cinema, na televisão e no âmbito musical, é inegável. Diante desse quadro, o idioma oficial dos Estados Unidos, a língua inglesa, exerce grande influência por todo o mundo. A cada ano mais pessoas despertam para a necessidade de dominar o inglês.

Segundo Tonkin (2003), há talvez um bilhão de pessoas no mundo que usam o inglês como língua estrangeira, o que concede a essa língua o status de língua franca.

Entretanto, quando se fala em inglês norte-americano, há um aspecto que permanece muito pouco explorado pela academia em países como o Brasil, onde diversas universidades e pesquisadores têm essa língua como seu objeto de pesquisa: os regionalismos e dialetos do inglês americano. Dentro da academia brasileira são quase inexistentes estudos que abordem uma problemática muito presente nas pesquisas de proeminentes linguistas americanos, tais como Bailey, Bernstein, Montgomery, Tillery, e Wolfram: o fenômeno denominado *Southern American English*, ou inglês sulista americano. Para comprovar essa informação acessou-se o banco de dados do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). Dentre os currículos cadastrados na Plataforma Lattes, não há nenhum resultado de tese ou dissertação para “inglês sulista americano”, nem tampouco para “inglês do sul dos Estados Unidos”. E, ao pesquisar *Southern American English*, o único resultado encontrado foi a menção da dissertação desta autora.

O fato de o inglês falado no sul dos Estados Unidos ser diferente daquele do norte é parte do senso comum deste país. A grande maioria da população nativa tem consciência de que o inglês falado no sul possui características que o tornam único. Como afirmam Johnson e Montgomery (2007, p. 2): “A maioria dos americanos, tanto sulistas como não-sulistas, tende a ver o sul como uma *speech region*¹ [...]”.²

Esse reconhecimento do sul enquanto região linguística distinta é reforçado por diversos autores. Segundo Algeo (2003, p. 9) “[...] por razões geográficas, históricas, culturais e outras, reconhecemos um dialeto do inglês na América que chamamos de ‘sulista’”.³ Conforme Vaux (2008, p. 10), “[...] o sul [...] é talvez a área linguisticamente mais distinta e coerente nos Estados Unidos”.⁴

Entretanto, é preciso observar que o inglês falado no sul não é, de modo algum, uniforme. Seria um grande equívoco afirmar que existe um único tipo de inglês sulista. Como afirma Wolfram (2003, p. 124), “[...] há grande diversidade na língua inglesa do sul”.⁵

¹ Durante o processo de construção do presente estudo não foi ainda encontrada uma tradução para o conceito de *speech region*. Deste modo, optou-se por deixá-lo em inglês em todas as ocorrências.

² *Most Americans, southerners and non-southerners alike, tend to see the South as a speech region [...]*. Todas as traduções apresentadas no decorrer do presente artigo são de nossa autoria.

³ [...] *for geographical, historical, cultural and other reasons, we recognize a dialect of English in America we call ‘Southern’.*

⁴ [...] *the South [...] is perhaps the most linguistically distinct and coherent area in the United States.*

⁵ [...] *there is great diversity in the English language of the South.*

Dentre essas variedades pouco usuais englobadas pelo inglês sulista norte-americano encontram-se: *Appalachian English*, *New Orleans English*, *Outer Banks English*, *Ozark English*, *Lumbee English*, *Texas English*, *Tidewater Virginia Dialect*, *Charleston English*, *Bahamian English*, *Cajun English* e *Chesapeake Bay English*.

Essa ausência de homogeneidade constitui um grande mistério a ser desvendado pouco a pouco por estudiosos desse fenômeno. No entanto, já foram descobertas características gerais que definitivamente distinguem o sul dos Estados Unidos como região linguística:

Apesar de nenhum denominador linguístico comum distinguir o sul, linguistas ainda o identificam como uma *speech region* com base em três características principais: (1) uma combinação única de características linguísticas, (2) o uso dessas características com mais frequência e por um espectro mais amplo da população do que em outras localidades do país, e (3) a consciência das pessoas do sul de que elas formam uma região com características discursivas distintas. (JOHNSON; MONTGOMERY, 2007, p. 1).⁶

Essas três características principais obviamente não estiveram sempre presentes, mas surgiram e se consolidaram dando origem ao discurso sulista. Resta, portanto, aos pesquisadores desse fenômeno linguístico o desafio de compreender melhor o porquê da diferenciação do discurso sulista quando comparado com o discurso da população do norte, voltando às suas origens.

Alguns autores nos dão pistas sobre a origem desse fenômeno. Segundo Fasold e Wolfram (1974, p. 74) “[...] as áreas dos dialetos nos Estados Unidos frequentemente indicam a migração dos primeiros colonizadores”.⁷ Esses autores dizem ainda que “[...] quando examinamos a natureza da variação regional, descobrimos que ela resulta da disseminação das mudanças linguísticas por um espaço geográfico ao decorrer do tempo” (FASOLD; WOLFRAM, 1974, p. 75).⁸

⁶ *Although no common linguistic denominator distinguishes the South, linguists still identify it as a speech region, on the basis of three main characteristics: (1) a unique combination of linguistic features, (2) the use of these features more often and by a wider range of the population than elsewhere in the country, and (3) the consciousness of the people in the South that they form a region with distinctive speech ways.*

⁷ *[...] dialect areas in the United States often indicate the migration of early settlers.*

⁸ *[...] when we examine the nature of regional variation, we find that it is the result of the spread of language changes through geographical space over time.*

Vaux (2008, p. 3) argumenta que “a (...) questão relativa às origens da variação linguística que encontramos nos EUA pode ser parcialmente respondida ao considerar a história da colonização do país por falantes da língua inglesa”.⁹

De acordo com Johnson e Montgomery (2007, p. 7) “[...] o motivo central de a fala da região ser distinta encontra-se por um lado nos domínios mundanos da história, da demografia e dos fatores sociais, e por outro lado no domínio da psicologia – isto é, na consciência das pessoas da região.”¹⁰

Buscar-se-á, portanto, compreender qual o fundamento do regionalismo presente no discurso dos nativos do sul dos Estados Unidos, tendo como parâmetros os pontos mencionados nas citações acima: a história, a demografia, os fatores sociais e o âmbito da identidade cultural.

A abrangência territorial e linguística do inglês sulista

Para dar início à compreensão do inglês sulista, um importante primeiro passo será delimitar qual a abrangência atual do território da região sul dos Estados Unidos. Entretanto, existem diferentes pontos de vista sobre quais estados estão incluídos no sul deste país. É como afirma Wolfram:

Geograficamente, o sul inclui entre 11 e 17 estados, incluindo os estados confederados do “Velho Sul” – Virgínia, Carolina do Norte, Carolina do Sul, Tennessee, Geórgia, Flórida, Alabama, Mississippi, Louisiana, Arkansas, e Texas – bem como partes de Kentucky, Virgínia Ocidental, Oklahoma, Maryland, Delaware, e o Distrito de Colúmbia. As fronteiras regionais do sul são, como fica claro, um tanto flexíveis. (2003, p. 123).¹¹

⁹ [...] the (...) question involving the origins of the linguistic variation we find in the U.S., can be answered in part by considering the history of settlement of the country by speakers of English.

¹⁰ [...] the heart of why the region's speech is distinctive lies in the mundane realms of history, demography, and social factors, on one hand, and in the realm of psychology – in the consciousness of the region's people – on the other .

¹¹ Geographically, the South includes from 11 to 17 states, including the confederate states of the “Old South”—Virginia, North Carolina, South Carolina, Tennessee, Georgia, Florida, Alabama, Mississippi, Louisiana, Arkansas, and Texas—as well as parts of Kentucky, West Virginia, Oklahoma, Maryland, Delaware, and the District of Columbia. The regional boundary of the South is, of course, somewhat flexible.

Diante dessa divergência, adotar-se-á neste trabalho a delimitação oficial do governo americano sobre os estados que compõem a região sul dos Estados Unidos, utilizando os resultados do último censo populacional realizado no país, obtidos através do site oficial do *United States Census Bureau*. De acordo com esta entidade, o sul do país engloba dezesseis estados, e nele habita 36% da população norte-americana, o que o qualifica como a região mais populosa do país. Os estados que fazem parte do sul incluem: Flórida (FL), Geórgia (GA), Maryland (MD), Carolina do Sul (SC), Carolina do Norte (NC), Virgínia (VA), Virgínia Ocidental (WV), Delaware (DE), Alabama (AL), Kentucky (KY), Mississippi (MS), Tennessee (TN), Arkansas (AR), Louisiana (LA), Oklahoma (OK), e Texas (TX).

Essa mesma indefinição que permeia as delimitações geográficas também perpassa as delimitações linguísticas da região. Wolfram (p. 124) diz que “[...] apesar de a maioria das pessoas ter uma noção geral sobre o discurso sulista, a definição precisa de limites geográficos e linguísticos pode vir a se provar ilusória.”¹²

Assim sendo, há delimitações divergentes também sobre a área linguística do inglês sulista, mas como afirma Kretzschmar (2003, p. 130), “[...] nenhum mapa do inglês sulista é o ‘melhor’, porque cada um surgiu de suposições e princípios diferentes”.¹³

Porém o propósito deste trabalho não é redimir essa questão das fronteiras, mas sim definir e analisar a área geográfica e linguística em que se encontram falantes do inglês sulista.

As raízes históricas do inglês sulista

As origens do inglês sulista americano são incertas, embora muitas pesquisas tenham sido feitas recentemente no sentido de melhor compreender este fenômeno linguístico. Algeo (2003), ao discorrer sobre sua origem, afirma que:

¹² [...] *although most people have a general notion of Southern speech, defining the precise boundaries geographically and linguistically can prove to be elusive.*

¹³ [...] *no map of Southern English is the ‘best’ one, because each has arisen from different assumptions and principles.*

A origem do inglês sulista americano pode ser encontrada nas ilhas da costa dos Países Baixos, no norte da Alemanha e no sul da Dinamarca (onde os falantes de inglês habitavam antes de cruzarem o canal para invadir as ilhas britânicas) ou, voltando um pouco mais, nas verdes planícies habitadas em algum lugar da Eurásia (onde os povos falantes da língua proto-indo-europeia tinham o seu *Urheimat*) [...] o inglês sulista americano tem as mesmas origens de todos os outros dialetos do inglês, todas as línguas indo-europeias, e talvez todas as línguas humanas (2003, p. 6).¹⁴

Frente a essa incerteza há, no entanto, evidências que apontam claramente que o sul dos Estados Unidos foi desde sua origem um aglomerado de línguas e culturas. As raízes do inglês sulista se desenvolveram ao longo de cinco séculos, e têm sua origem em herança linguística de três continentes: a Europa, a África, e o próprio continente americano.

As raízes externas à língua inglesa

As primeiras culturas que fizeram parte do sul da nação e que deram sua contribuição foram os povos indígenas que ali habitavam, muito antes dos falantes de inglês ou de qualquer outra língua europeia. O cenário linguístico do sul tinha em seus primórdios as línguas indígenas como protagonistas. Sobre a contribuição desses povos para a língua inglesa falada no sul, Johnson e Montgomery afirmam:

A principal contribuição linguística das línguas indígenas para o inglês no sul, bem como em outros lugares das Américas, está no nome de lugares, especialmente para cursos de água (por exemplo, *Tennessee* e *Yazoo*). O que eles deixaram para o inglês americano regional pode ser julgado de forma mais precisa e autoritária utilizando o *Dictionary of American Regional English*; os empréstimos utilizados são principalmente nomes de plantas. (2007, p. 6).¹⁵

¹⁴ *The origin of Southern American English can be found on the islands off the shore of the Netherlands and in northern Germany and southern Denmark (where English speakers dwelled before they crossed the channel to invade the British isles) or, to go back a bit further, on grassy plains somewhere in mid Eurasia (where Proto-Indo-European speaking peoples had their Urheimat) [...] Southern American English has the same origins as all other dialects of English, all Indo-European languages, and maybe all human languages.*

¹⁵ *The principal linguistic contribution of indigenous languages to English in the South, as elsewhere in the Americas, is in place-names, especially for water courses (e.g. Tennessee and Yazoo). What they (as well as other languages) gave to regional American English can be judged more accurately and authoritatively from the Dictionary of American Regional English; these borrowings are mainly names of plants.*

Posteriormente, os europeus vieram habitar a região. Os primeiros europeus que chegaram ao sul dos Estados Unidos em caráter definitivo, no princípio do século XVI, foram os espanhóis, que colonizaram em um primeiro momento a Flórida. No século XVII os franceses vieram para Louisiana, e os ingleses se fixaram inicialmente na Virgínia. A Virgínia no século XVIII passou a contar também com uma colônia alemã. Além dessas línguas europeias majoritárias, a região sul recebeu ainda, em menor número, imigrantes de línguas menos proeminentes, como o ladino e o gaélico escocês. Porém, aparentemente os dois últimos idiomas não deixaram herança permanente no inglês sulista. Os espanhóis deixaram sua contribuição na língua inglesa do sul na toponomástica, em especial nos estados da Flórida e do Texas. Os primeiros imigrantes alemães usavam diversos dialetos desse idioma na região do Shenandoah Valley, na Virgínia. Entretanto, não foram encontrados registros de suas contribuições diretas para o inglês sulista. Por sua vez, o francês foi responsável por grande contribuição na formação do inglês do sul dos Estados Unidos. Para compreender essa influência, entretanto, será necessário primeiramente falar sobre o terceiro grande grupo que influenciou em diversos aspectos a região sul daquele país: os africanos.

As grandes plantações do sul cultivadas pelos imigrantes europeus requeriam muita mão-de-obra, e a solução encontrada foi a escravidão de negros africanos. Esses escravos trouxeram consigo dezenas de línguas para o sul dos Estados Unidos. Segundo Johnson e Montgomery (2007) a maioria das línguas africanas pertenciam à vasta família Niger-Congo, que inclui as línguas *ewe*, *madinska*, e *ngola*. Ao discorrerem sobre a contribuição das línguas africanas para o sul, esses autores afirmam:

As línguas africanas contribuíram para o vocabulário da região como um todo, e para o vocabulário e a gramática do inglês afro-americano por todo o país. [...] Devido à ausência de uma língua africana comum (ou normalmente mesmo de línguas similares) e à necessidade dos africanos de se comunicarem uns com os outros e com os brancos, o contato entre falantes de línguas africanas e europeias produziu formas crioulas do francês (em Louisiana) e do inglês (na costa da Carolina do Sul e da Geórgia). (2007, p. 7).¹⁶

O único inglês de base crioula falado atualmente na porção continental dos Estados Unidos é o *gullah*, também conhecido como *geechee*. Segundo Couto (2010), os crioulos são línguas mistas

¹⁶ *African languages contributed to the vocabulary of the region as a whole and to the vocabulary and grammar of African American English throughout the country. [...] Given the lack of a shared African tongue (or usually even similar languages) and the need for Africans to communicate with one another and with whites, contact between speakers of African languages and European ones produced creole forms of both French (in Louisiana) and English (in coastal South Carolina and Georgia).*

resultantes do contato de povos falantes de línguas mutuamente ininteligíveis que passam a ser a língua principal da nova comunidade.

Os 200 mil falantes de *gullah* residem na Geórgia e na Carolina do Sul, e aproximadamente metade deles usa essa língua em seu contexto diário. Há diferentes variedades de *gullah*, mas quase todo o vocabulário é inglês, sendo menos de 5% dos itens lexicais derivados de fontes africanas e caribenhas. Entretanto, as estruturas gramaticais, o ritmo e em alguns casos os significados das palavras seguem padrões caribenhos, e isso torna o *gullah* incompreensível para os falantes de língua inglesa.

Com relação ao francês, o *Louisiana French Creole* passou a ser a língua nativa de parte da população escrava naquele estado, e ainda hoje é usado por uma população de quatro mil a cinco mil pessoas, espalhadas em diversas comunidades.

Outra variedade de francês falada no sul foi ainda mais relevante, e teve papel muito importante na constituição do inglês sulista: o *Cajun French*. Conforme Johnson e Montgomery:

O *Cajun French*, que chegou da Acádia (Nova Escócia e Nova Brunswick) entre as décadas de 1760 e 1780 floresceu em grande parte do sul da Louisiana, até o início do século XX. [...] O *Cajun French* influenciou o inglês do estado muito mais do que outras variedades de francês da Louisiana. (2007, p. 9).¹⁷

Mais recentemente, a migração massiva de mexicanos para os Estados Unidos trouxe nova contribuição da língua espanhola para o inglês sulista, em especial no estado do Texas, onde se concentram os maiores números de mexicanos, mas também em outros estados. A contribuição dos mexicanos para o inglês sulista perpassa diversas áreas, destacando-se a culinária.

As raízes inglesas do inglês sulista americano

¹⁷ *Cajun French, which arrived from Acadia (Nova Scotia and New Brunswick) in the 1760-80s thrived in much of southern Louisiana until the early 20th century. [...] Much more than other varieties of Louisiana French, Cajun French has influenced the English of the state.*

Sabe-se relativamente pouco sobre o inglês dos primeiros colonizadores. Entretanto, é sabido que os colonizadores britânicos trouxeram consigo diversos tipos de inglês para a América do Norte.

O inglês trazido pelos primeiros imigrantes para a Virgínia, mais de 400 anos atrás, ainda não tinha sequer uma forma escrita padronizada, e muito menos um padrão para seu uso na fala, mesmo nas classes mais educadas. E o fluxo de novos falantes não parava de aumentar, o que contribuía para a continuidade desse quadro.

No século XVII, a maior parte dos imigrantes se originava do sudeste e sudoeste da Inglaterra. Já no século XVIII, a maioria advinha do norte da Inglaterra, da Escócia, e de Ulster. E esse inglês já diferenciado continuava a mudar com empréstimos das outras línguas que se encontravam no sul dos Estados Unidos. Não seria um exagero afirmar que todos os tipos de ingleses que chegaram aos Estados Unidos sofreram mudanças quase que imediatas pela interação com outros falantes.

Houve três vertentes principais na formação do inglês sulista: 1) o discurso originário do sul da Inglaterra (predominante no baixo sul); 2) o discurso da Escócia e do norte da Inglaterra (predominante no alto sul); e 3) as dezenas de línguas faladas pelos africanos, que foram incorporadas ao inglês e originaram, como já mencionado, os ingleses crioulos.

Com base nessa divisão histórica durante o período de colonização, a fala do sul é atualmente dividida em duas grandes regiões: o baixo sul e o alto sul.

O baixo sul (algumas vezes chamado de *Coastal South* ou *Deep South*) cobre a planície da costa do Atlântico, que vai da Virgínia Ocidental ao Texas. A fala da costa sulista (como o *Tidewater English*) foi levada rumo ao oeste e ao sudoeste a partir dos povoados coloniais na Virgínia e nas Carolinas (especialmente no *Lowcountry* da Carolina do Sul) para o sul da Geórgia, Alabama e Mississippi, e então rumo ao norte para o Arkansas, oeste do Tennessee e Kentucky, para a Louisiana e o leste do Texas, e para a Flórida. O alto sul (algumas vezes conhecido como *Upland South* ou *South Midland*) inclui o Piedmont e as montanhas *Appalachian* do sul, indo do interior da Virgínia até a extensão da Carolina do Sul, e as áreas montanhosas acima do Piedmont na Geórgia e no Alabama, além do noroeste do Arkansas. Sua fala é consideravelmente derivada dos povoados coloniais do *Delaware Valley*, na Pensilvânia. Desde a década de 1730 este modo de falar foi levado rumo ao sul passando pelo oeste da Virgínia, Carolina do Norte, Kentucky e Tennessee. No século XIX se espalhou pelo norte da Geórgia, Alabama e Mississippi, e também pelo Tennessee, Kentucky e Arkansas, e pelo leste do Texas. (2007, p. 11) ¹⁸

¹⁸ *The Lower South (sometimes known as the Coastal South or the Deep South) covers the Atlantic Coastal Plain from eastern Virginia to Texas. The speech of the Coastal South (such as Tidewater English) was carried southwestward and westward from the colonial settlements in Virginia and the Carolinas*

Entretanto, a distinção entre essas duas variedades gerais atualmente tem diminuído gradativamente.

Determinantes sócio-ideológicas do inglês sulista

O sul dos Estados Unidos não se distingue somente linguisticamente. Há diversos aspectos em que essa região se diferencia do norte e dos demais países de fala inglesa, incluindo a culinária, a vida social, as atividades econômicas, a música, a literatura, a religiosidade, dentre tantos outros. E é em todas essas esferas que a língua é formada e transformada: no discurso cotidiano da população daquela região enquanto ela desempenha seus diversos papéis sociais. Portanto, não há como dissociar o estudo dessa variação linguística dessas tantas áreas que a perpassam.

O inglês sulista, como toda variação linguística, é, portanto, determinado por esses aspectos sociais e ideológicos, os quais afetam sua existência num processo contínuo. Como afirma Algeo (2003, p. 17):

Precisamos ter em mente que o inglês sulista americano não é algo com delimitações claramente definidas, mas sim uma padronização generalizada de um grande número de sistemas mentais pessoais e abstratos e comportamentos associados que são deficitariamente definidos e estão em constante mudança.¹⁹

Embora o objetivo do presente artigo não seja lidar com aspectos sociológicos e antropológicos propriamente ditos, não se pode ignorar que as diversas variedades do inglês sulista são parte da identidade social historicamente construída por seus falantes. Como afirma Wolfram

(especially Lowcountry South Carolina) into southern Georgia, Alabama, and Mississippi and then northward into Arkansas, western Tennessee and Kentucky; into Louisiana and east Texas; and into Florida. The Upper South (sometimes known as the Upland South or South Midland) encompasses the Piedmont and the southern Appalachians from interior Virginia through South Carolina, the hill areas above the Piedmont in Georgia and Alabama, and northwestern Arkansas. Its speech derives in considerable part from the colonial settlements in the Delaware Valley of Pennsylvania. Beginning in the 1730s this speech was taken southwestward into western Virginia, North Carolina, Kentucky and Tennessee. In the 19th century it spread across northern Georgia, Alabama and Mississippi and also across Tennessee, Kentucky and Arkansas, and into east Texas.

¹⁹ *We need to keep in mind that southern American English is not a thing with clearly defined boundaries, but it is instead a generalized pattern of a large number of personal abstract mental systems and associated behavior that are ill defined and ever changing.*

(2003, p. 124) “[...] é seguro concluir que nenhuma região nos Estados Unidos tem senso mais forte de sua identidade”.²⁰

É esse sentimento de identidade da população da região sul dos Estados Unidos que perpassa sua existência e contribui para que a região seja distinta também linguisticamente.

De acordo com Lippi-Green (2007, p. 63):

Usamos a variação linguística para nos construir como seres sociais, para sinalizar quem somos, quem não somos e quem não podemos ser. Os falantes escolhem dentre as variantes sociolinguísticas disponíveis; suas escolhas se agrupam de formas óbvias e interpretáveis para os outros falantes da comunidade. Esse processo é parte funcional e necessária da forma como nos comunicamos.²¹

A população sulista em geral se identifica com a região onde vive e com o discurso característico, e se vê como à parte do inglês falado no norte.

Lippi-Green (2007) deixa claro que há uma ligação direta entre a identidade social e a variação linguística. O modo como uma comunidade se expressa linguisticamente reflete sua ideologia comum. E reflete o estranhamento do outro. Isso é bem ilustrado por Fluharty e Hazen (2007, p. 50) quando citam na epígrafe de seu artigo um trecho de uma entrevista conduzida com uma moradora das montanhas da Virgínia Ocidental, na qual essa senhora afirma: “Eu acho que as pessoas de Nova York e de outros lugares falam de maneira muito engraçada”.²²

Como escreve Schneider (2000, p. 360), “[...] há mais implicações envolvendo o comportamento linguístico do que meramente a determinação do background e da origem: também usamos a língua para sinalizar ativamente quem queremos ser”.²³ E os sulistas querem ser o que são, e usam seu discurso para manifestar seu contentamento ao desempenhar seu papel social.

O inglês sulista na cultura popular norte-americana

²⁰ [...] it is safe to conclude that no region in the United States has a stronger sense of its identity.

²¹ We use variation in language to construct ourselves as social beings, to signal who we are, and who we are not and cannot be. Speakers choose among sociolinguistic variants available; their choices group together in ways which are obvious and interpretable to other speakers in the community. This process is a functional and necessary part of the way we communicate.

²² I think them people in New York and some of them places, I think they talk real funny.

²³ [...] there is more to language behavior than merely being determined by one's background and origin: we also use language to actively signal who we want to be.

Devido a sua abrangência e peculiaridade, o inglês sulista foi historicamente abordado de diversas maneiras, através de diferentes tipos de expressão artística, incluindo literatura, cinema e música.

Porém, o inglês falado no sul é também muitas vezes vítima de estigmatização e de representações caricatas, em especial na mídia em geral. E essas representações acabam refletindo negativamente no modo como a nação percebe o morador do sul. Como coloca Shuttlesworth (2007, p. 194), “[...] personagens representados através do discurso sulista ou como sulistas tendem a se enquadrar em vários estereótipos, e muitos correspondem a ideias estereotipadas sobre o sul e os sulistas”.²⁴

Bailey e Tillery, um casal de nativos do sul dos Estados Unidos, linguistas e pesquisadores do inglês sulista americano, relatam sua experiência pessoal ao se mudarem do sul dos Estados Unidos para Las Vegas:

Nossa recente mudança para Las Vegas serviu ao menos para nos lembrar de que falamos uma variedade de inglês americano facilmente reconhecível, e que esta variedade não é muito estimada fora do sul. O fato é que, fora da universidade (e algumas vezes dentro dela) somos lembrados de nosso sotaque quase todos os dias. Lembram-nos usando desde bem-educada condescendência até implicações nada sutis de que perdemos o último trem para partir da cidade. (1996, p. 308).²⁵

Mesmo autores consagrados da literatura americana sulista, como Mark Twain, já foram acusados de apresentar estereótipos do sulista. Walton discorre sobre a presença de estereótipos em algumas obras literárias, dentre as quais *Adventures of Huckleberry Finn*, de Twain.

Huck Finn, personagem de Mark Twain, Hulga, personagem de Flannery O'Connor, e Raney, de Clyde Edgerton, todos encontram redenção no final de suas histórias, onde seu comportamento anterior muda e o leitor é capaz de se identificar com esses personagens, apesar do exagero que ocorre em todas essas descrições literárias. A comédia desses autores serve para mostrar as falhas e os

²⁴ “[...] characters depicted through southern speech or as southern tend to fall into several stereotypes, many corresponding to stereotypical ideas about the South and southerner”.

²⁵ If our recent move to Las Vegas has done nothing else, it has reminded us that we speak a rather easily recognizable variety of American English and that this variety is not held in great esteem outside the South. In fact, outside the university (and sometimes inside it) we are reminded of our accent almost every day; the reminders range from polite condescension to not so subtle implications that maybe we missed the last wagon out of town.

estereótipos do sul como sempre existiram, e possivelmente continuarão a existir nas próximas gerações. (2008, p. 3).²⁶

E essas supostas caricaturas são objeto de críticas ainda mais acirradas quando apresentadas na televisão e no cinema, como demonstram as críticas sofridas por *Gone With the Wind* (*E o Vento Levou*), filme baseado na obra literária homônima de Margareth Mitchell.

Equívocos sobre o que compõe o inglês sulista americano são quase tão comuns quanto o reconhecimento de sua distinção. Tais equívocos em grande parte foram impulsionados por descrições apresentadas pela mídia em filmes tais como *E o Vento Levou* e em programas de TV como *Os Gatões*, que apresentam estereótipos extremamente exagerados e pouco precisos do inglês sulista americano. (BAILEY; TILLERY, 2000, p. 1).²⁷

Entretanto, um argumento de Bernstein (2000) pode ser utilizado para, se não justificar, ao menos tornar até certo ponto compreensível a adoção de certos estereótipos por conta dos autores de textos literários e roteiros de obras filmicas e televisivas, dentre outras:

Apesar de algumas imprecisões refletirem preconceito ou ignorância por parte do escritor, é justo dizer que a precisão é limitada pela natureza do processo criativo. Um escritor usa o dialeto para transmitir uma mensagem sobre o personagem ou o cenário no espaço bastante limitado do texto. Assim como com descrições físicas, algumas características necessariamente representam o todo. (p. 340).²⁸

Ademais, mesmo as representações denominadas caricatas reafirmam a existência do inglês sulista. E sua relevância enquanto fenômeno linguístico e social é realçada pelo reconhecimento, ainda que em algumas ocasiões depreciado, de sua relevância pela mídia.

²⁶ Mark Twain's character Huck Finn, Flannery O'Connor's character Hulga Hopewell, and Clyde Edgerton's character Raney all have this redemption by the end of their stories, where their prior behaviors shift and the reader is able to identify with these characters, despite the exaggeration that takes place throughout in their literary depictions. The comedy of these authors serves to show the flaws and stereotypes of the South as they have always existed, and will possibly exist generations later.

²⁷ Misunderstandings about what comprises SAE [Southern American English] are almost as widespread as the recognition of its distinctiveness. These misunderstandings in large part have been fueled by media portrayals in movies such as *Gone With the Wind* and in television shows such as *The Dukes of Hazard* that presented grossly exaggerated and inaccurate stereotypes of SAE.

²⁸ Although some inaccuracies reflect prejudice or ignorance on the part of the writer, it is fair to say that accuracy is constrained by the very nature of the creative process. A writer uses dialect to convey a message about character or setting in the very limited space of the text. As with physical descriptions, a few features necessarily represent the whole.

O inglês sulista em números

Devido a essa estereotipação da qual o inglês sulista é vítima, muitas vezes corre-se o risco de menosprezar a abrangência desse fenômeno linguístico, pois a mídia em alguns momentos pode apresentar uma caricatura de um sulista somente através do sotaque e de umas poucas expressões características como o famoso *yall*. No entanto, ao pesquisar sobre a extensão do inglês sulista em números, o quadro encontrado é bem mais abrangente. Como esclarece Algeo:

Os três volumes publicados do *Dictionary of American regional English*, de Cassidy e Hall (1985), cobrindo o vocabulário de A a O [...] contém por volta de 4.500 palavras identificadas como *Inland South*, *South*, *South Atlantic*, *Southeast*, ou *South Midland*, além de outras identificadas como de estados ou áreas individuais, como as montanhas *Appalachian*. (2003, p. 16).²⁹

O dicionário mencionado por esse autor é referência para os linguistas norte-americanos, uma obra séria de mapeamento dos regionalismos do país. Essa grande abrangência mais uma vez reafirma a relevância do inglês sulista como objeto de estudo.

Vale ressaltar ainda que, além dos itens lexicais propriamente ditos, o inglês sulista também se caracteriza pelo uso de estruturas gramaticais próprias, divergentes da chamada “norma culta”. A presença de negativas duplas, por exemplo, é uma constante na fala do típico sulista, e embora não sejam utilizados itens lexicais distintos, esse tipo de combinação caracteriza claramente um morador sulista. Isso na prática significa que o inglês sulista tem um espectro ainda maior, com diversas construções gramaticais características, o que demonstra sua grande abrangência e complexidade enquanto fenômeno linguístico.

Possibilidades para o estudo do inglês sulista americano na academia brasileira

²⁹ *The three published volumes of Cassidy and Hall's Dictionary of American Regional English (1985-), covering the vocabulary from A to O [...] contain some 4,500 words labeled "Inland South", "South", "South Atlantic", "Southeast", or "South Midland," plus other labeled for individual states and areas like "Appalachians"*

Diante das informações aqui apresentadas, fica claro quão vasto é o inglês sulista norte-americano enquanto objeto de pesquisa para os linguistas brasileiros. Aliás, não só estudos linguísticos, mas também estudos antropológicos, históricos e geográficos poderiam se originar desta temática tão rica e intrigante.

Enquanto linguista e tradutora tenho atualmente como objetivo principal focalizar minha pesquisa na tradução do inglês sulista americano para o português brasileiro, abordando a maneira como esta tradução tem sido feita, por que tem sido feita deste modo, quem têm sido os sujeitos neste processo tradutório, e assim por diante.

Entretanto, outros aspectos extremamente interessantes do inglês sulista norte-americano ainda estão aguardando por linguistas brasileiros que desejem explorá-los e trazê-los para o cotidiano acadêmico de nosso país, tais como a literatura, a fonologia e a gramática deste dialeto.

Conclusão

O inglês do sul dos Estados Unidos é um fenômeno linguístico extremamente complexo e desafiador, e merecedor de atenção no cenário acadêmico brasileiro. Este artigo visa ser realmente, como seu título afirma, uma introdução dessa temática, que juntamente com outros trabalhos suscite o debate aprofundado sobre este imenso *corpus* até então pouco divulgado, e assim poder fomentar através desta discussão diversas possibilidades de desdobramentos do estudo do inglês sulista norte-americano nos círculos acadêmicos brasileiros.

Referências Bibliográficas

ALGEO, J. The Origins of Southern American English. In: NAGLE, S. J. e SANDERS, S. I. (Ed.). *English in the Southern United States*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 6-16.

BAILEY, G.; TILLERY, J. The Persistence of Southern American English. In: *Journal of English Linguistics*. V. 24.4, 1996, p.308-321.

BERNSTEIN, C. G. Misrepresenting the American South. In: *American Speech*. V.75.4, 2000, p. 339-342.

COUTO, H. H. *A Questão da Gramaticalização nos Estudos Crioulos*. Disponível em: <<http://vsites.unb.br/il/liv/papers/gramat.htm>>. Acesso em: 02 jul. 2010.

FASOLD, R. W.; WOLFRAM, W. A. *The Study of Social Dialects in American English*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1974.

JOHNSON, E.; MONTGOMERY, M. Language in the South. In: JOHNSON, E. e MONTGOMERY, M. (Ed.). *The New Encyclopedia of Southern Culture*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, v. 5, 2007, p. 01-27.

KRETZSCHMAR, W. A. Mapping Southern English. In: *American Speech*. V. 78, 2003, p. 130-149.

LIPPI-GREEN, R. *English with an Accent – Language, Ideology and Discrimination in the United States*. New York: Routledge, 2007.

SCHNEIDER, E. W. Show Me How You Speak, and I Will Tell Who You Are? In: *American Speech*. V. 75.4, 2000, p. 359-361.

SHUTTLESWORTH, R. Southern English in Television and Film. In: *The New Encyclopedia of Southern Culture*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, v. 5, 2007, p. 193-197.

TONKIN, H. Language and Society. In: *Issues in Global Education*. No. 178, 2003-2004. Disponível em:<<http://www.globaled.org/issues/178F.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2010.

UNITED STATES CENSUS BUREAU. Census 2000. Disponível em: <http://factfinder.census.gov//home/saff/main.html?_lang=>>. Acesso em: 10 fev. 2010.

VAUX, B. *American dialects*. Disponível em: <www.uwm.edu/Dept/treds/american-dialects.pdf>. Acesso em: 28 out. 2008.

WALTON, J. *Ain't No Laughing Matter: Southern Humor in Clyde Edgerton's Raney*. 2008. Disponível em: http://toto.lib.unca.edu/sr_papers/literature_sr/srliterature_2008/walton_jessica.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2010.

WOLFRAM, W. Language Variation in the American South: An Introduction. In: *American Speech*. V. 78.2, 2003, p. 123-129.

AUTORA

¹ **Vanessa Lopes Lourenço HANES, Pós-graduanda.**
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
vanessahanes@gmail.com